

OS POETAS

SÁ DE MIRANDA

A SUA VIDA E A SUA OBRA

COLLECÇÃO
PATRÍCIA

DIRECIDA POR ALBI
NOBODIAZ DE SAM
PAIO DA ACADEMIA
DE SCIENCIAS DE LISBOA
DESENHOS DE SAASVE.
DRA MACHADO CA
PA DE JORGE BARBADA

PUBLICADA EM LISBOA PELA
EMPRESA DO DIARIO DE NOTICIAS

1926

Sá de Miranda

Francisco de Sá de Miranda

1481-1558



Poeta n-tavel, ainda hoje lido, citado e admirado. Foi o fundador entre nós da escola poetica italiana e o introductor do soneto em Portugal. E' justamente nomeado o *Seneca Portuguez*. Está sepultado na igreja de S. Martinho de Carrazedo, a 9 km. de Braga.

Nasceu em Coimbra a 28 de agosto de 1481 e morreu na Quinta da Tapada em 15 de Março de 1558. Foi Dr. em Direito Civil pela U. de Coimbra, Comendador (da commenda das Duas Igrejas) da Ordem de Christo e senhor da casa e quinta da Tapada. Era filho de Gonçalo Mendes de Sá, conego de Coimbra e de D. Ignez de Mello, e irmão do glorioso Mem de Sá, que foi governador do Brazil. Casou em 1534 com D. Briolanja de Azevedo, que morreu em 1555, e de quem teve Gonçalo Mendes de Sá, morto em Ceuta, combatendo, em 1553 e Jeronymo de Sá, que de si deixou triste menção.

Estudos a consultar sobre a sua figura e obra

Nas proprias obras do poeta, ed. de 1614, 1784, a *Vida*, (attribuida a D. Gonçalo Coutinho); as *Poesias* ed. de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. 1885. Sousa Viterbo — *Estudos sobre Sá de Miranda*. I — *Os filhos do conego Gonçalo Mendes*. II — *A familia do poeta*. III — *Mem de Sá. A sua descendencia. Outras informações*, 3 opusculos. 1895, 1896 (Sep. do Instituto vols. 42 e 43.º); Anthero de Quental e C. Castello Branco — *Sá de Miranda*. Com uma carta acerca da Bibliographia Camiliana de Henrique Marques por Joaquim de Araujo. Lx.ª 1894; Decio Carnêiro — *Sá de Miranda e a sua obra*. Lx.ª 1895; Theophilo Braga — *Sá de Miranda e a escola italiana*. Porto 1896; Carolina Michaëlis de Vasconcel-

Sá de Miranda — O rarissimo retrato das *Satyras* (1626).

los — *Novos estudos sobre Sá de Miranda* (sep. do *Boletim da 2.ª classe da Acad. das Sc. de Lx.ª* vol. V, pg. 9 a 230, 1912); Camerlengo (Dr. Antonio Pinto) — *Um soneto de S. de M. Nova interpretação de uma passagem obscura*. Lx.ª; Xavier da Cunha — *Retrato de Sá de Miranda*. Nota apres. 4.ª Acad. R. das Sciencias em sessão de 10 de fevereiro de 1898. Lx.ª 1898-12 pg.

Sobre o poeta consulte-se ainda:

Diogo Barbosa Machado — *Bibliotheca Lusitana* vol. 2.º; Innocencio F. da Silva — *Diccionario bibliographico*. vols. 3.º (pg. 53 a 56) e 9.º (pg. 371 a 373); J. M. da Costa e Silva — *Ensaio biographico e critico...* vol. II, pgs. 8 a 74; *Diccionario da Academia: Catalogo dos autores*; Antonio Luiz de Seabra — *Satyras e Epistolas de Quinto Horacio Flacco*, 1846; *Memorias de Litteratura da Ac. R. das Sciencias*. vol. IV pgs. 26 a 305 (F. Dias Gomes — *Analyse e combinações philosophicas sobre a elocução e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões*, 1790); Theophilo Braga — *Historia dos Quinhentistas*. Porto, 1871; id. — *Recapitulação da Historia da litter. portug.* — *Renascença*. Porto 1914; Fidelino de Figueiredo — *Historia da litteratura classica (1502-1580)* Lx.ª 1917 pgs. 109 a 143; id. — *A critica litteraria considerada como sciencia*. Porto 1920 e *Historia da litteratura portuguesa: Manual escolar*. 2.ª ed. 1923 (pg. 115 a 117); *Catalogue de la Bibliothéque de M. Fernando Palha*. (2.º vol. pg. 31 e 105) 1896; G. Rodrigues e Esteves Pereira — *Portugal*. Diccionario. (Vol. VI, pg. 447 a 449.); Nicol. Antonio — *Bib. Nov.* I pg. 359; J. M. de Andrade Ferreira — *Curso de litt. portuguesa*. 1875. Vol. I pg. 350; Julio de Castilho — *Antonio Ferreira*. Rio 1875. vol I; C. C. Branco — *Hist. e sentimentalismo*. Porto 1881; Dr. J. M. Teixeira de Carvalho — *Bric-à-Brac* (pg. 1 a 3. *Uma tia de Sá de Miranda*); José dos Santos — *Catalogo da livraria dos condes de Azevedo e de Samodães*. Lotes 2932 a 35 pg. 386 a 394 da 2.ª parte; Sousa Viterbo — *O movimento tipografico em Portugal no seculo VI* (apont. para a sua historia) Coimbra, 1924 (pgs. 57, 58, 171, 270); Anselmo Braamcamp Freire — *Vida e obra de Gil Vicente...* Porto, 1919, Agostinho de Campos — *Ler e tresler*, 1924 (*Sá de Mir. á ultima hora*, pg. 123).

E os seguintes jornais ou publicações periodicas:

O *Panorama*, 1841. (pgs. 252 e 271, art.º que Innocencio suppõe ser de Varnhagen); *Revista litteraria do Porto*, (vol. V, pg. 184); *Annaes das Sciencias e letras da Ac. R. das Sciencias de Lisboa*. Tomo I. Lx.ª 1857. (*A litteratura portuguesa nos seculos XVI e XVII* por A. P. Lopes de Mendonça); O *Instituto*. Vol. 11.º Coimbra 1865. (Abilio Augusto da Fonseca Pinto — *Sá de Miranda*); *A Provincia*, 1886 (Anthero de Quental — *Poesias de Sá de Mir.ª*); *Commercio do Porto*. 1887, n.º 91. (Cam. C. Branco — *Uma satyra de S. de M.*); *Boletim da Segunda Classe da Ac. R. S. de Lx.ª* (vol. I.

pg. 43 a 47. Lx.ª 1903 — Xavier da Cunha — *Retrato de Sá de Miranda*. Vol. V. pg. 39, 41. Sousa Viterbo — *Satyras de Sá de Miranda* e T. Braga *Vida de S.ª Maria Egyptiaca*. Vol. IX. F. M. Esteves Pereira — *As comedias do Dr. F. S. de M.* pg. 142 a 148); *Trabalhos da Ac. das Sc. de Portugal*. 1.ª serie 2.º tomo, 2.ª parte. (Patrocinio Ribeiro — *A Verdadeira «Celian» de Sá de Miranda* pg. 203-222); *Boletim bibliographico* da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, vol. V, pg. 175, 219 (J. M. Teixeira de Carvalho — *Notas de Camillo C. Branco num livro que lhe pertenceu*) Coimbra 1920; *Archivo Historico* de Anselmo Braamcamp Freire vols. 1.º, 2.º e 9.º (Sousa Viterbo — *Jorge de Montemór*, I, pg. 249, Brito Rebelo — *Um primo de F. de S. de Miranda*. vol. 2.º pg. 463 a 478, 3.º pg. 34, 115 e 372, Pedro A. de Azevedo — *Os de Vasconcellos*. IV. *O concelho de Entre Homem e Cavado*, 2.º, pg. 370 a 372); *Arquivo Literario* de Delfim Guimarães. (Vol. I, *Notas á margem dos «Novos estudos sobre Sá de Miranda» da Senhora D. C. M. de Vasconcellos*, pgs. 13 a 35, *A data do nascimento de Sá de Miranda*, pg. 106 a 111; vol. II, *Um soneto de Sá de Miranda*, pg. 305 a 316, vol. III, *A amada de Sá de Miranda*, pgs. 5 a 11 e *Sá de Miranda na obra do cantor do Lima*, pgs. 89 a 93); *Archivo Bibliographico*. Lx.ª 1895 (N.ºs 4 e 5. F. Palha — *Delicta juventutis mea*. I e II — *As comedias de Sá de Miranda*); *Revista Lusitana*. vol. 18.º

(T. Braga — *Anexins de S. de M.* pgs. 57 a 60); O *Biographo*, Lx.ª 1839.



As *Satyras*. Rosto da mais rara obra de S. de M. (Pela primeira vez reproduzido) (Coll. Martinho da Fonseca).

Sá de Miranda

O seu retrato

«Foy homem grosso de corpo, de meãa estatura, muito aluo de mãos, e rosto, com muito pouca cõr nelle, o cabelo preto e corredio, a barba muito povoada, e de seu natural crecida, os olhos verdes bem assombrados, mas com alguma demasia grandes, o naris comprido, e com cavallo, graue na pessoa, melancolico na apparencia, mais facil e humano na conversação, engraçado nella com bom tom de falla, e menos parco em fallar que em rir...»

(Da ed. de 1641.)

A sua vida

Sá de Miranda que nasceu em Coimbra, possivelmente no dia em que D. João subiu ao throno, apparece pela primeira vez na corte em 1513. Estudava leis nas Escolas Geraes, a Alfama, e cultivava os serões do Paço sem que estes lhe embarçassem os estudos, pois em 1516 é já Doutor. Rege na Universidade cadeiras em substituição de lentes e recusa o logar na Mesa do Desembargo do Paço com que o tentavam. Em 1520 morre-lhe o pae e elle parte para Italia. Por lá andou de 1521 até 1526, visitando Milão, Veneza, Florença, Roma, Nápoles e a Sicilia, travando intimas relações com Gioviano Pontano, Giovanni Rucellai, Lattanzio Tolommei e Sanazzaro. Voltou e «ninguem pode negar que Sá de Miranda quebrou o antigo encanto, rompendo com a poesia palaciana da Edade Media». Não desprezou a forma portugueza, antes a apurou, cultivando a redondilha maior e menor mas deu-nos o soneto, o terceto, e os versos encadeados, as oitavas e sextilhas, as canções, elegias, eglogas e epitafios. «Introduziu finalmente o *hendecasyllabo jambico italiano*, abrindo emfim uma nova era, o terceiro periodo da poesia portugueza, que havia de attingir em 1572 o ponto culminante com o poema da nacionalidade e da gloria portugueza, os *Lusíadas* de Camões».

Apoz o seu regresso, em 1527, assentou a sua residencia em Coimbra, ou nos seus arredores, ficando alli até 1530 ou 32 e sendo provavel que já conhecesse o seu grande amigo Bernardim Ribeiro. D. João III vae a Coimbra, fugido da peste, e o poeta consegue a admiração da côrte. Gil Vicente não o deslumbra e elle escreve a comedia *Os Estrangeiros* talvez para revelar o modelo do theatro a cultivar para imitar as terras de arte e civilisação d'onde viera. O seu *Alexo* que se representou ante D. João III foi o primeiro «drama bucólico que foi composto em Portugal em *linguagem*», como os *Estrangeiros* são a primeira comedia portugueza em prosa. E como Gil Vicente escrevera e representara a *Divisa da Cidade*, Miranda escreve a *Fabula do Mondego*. Era a guerra declarada do bom gosto da renascença contra o modelo chocarreiro da Edade Media. Assevera-se mesmo que o *Clerigo da Beira*, de Gil Vicente não é mais do que uma caricatura de Sá de Miranda, seu emulo litterario. Depois saturado da côrte e do que á sua volta via retira-se para o campo. O rei deu-lhe então a Comenda de Santa Maria das Duas Igrejas, fronteira da Galliza e por 1532 até 1536 Sá de Miranda compra a Casa da Tapada, na região do rio Homem, affluente do Cavadão. Lá casou, dizendo-se que D. João III favorecera o casamento.

Na sua quinta viveu vida folgada e aldeã, lá escreveu em portuguez e castelhano e lá lhe mandou pedir o infante D. Henrique *Os Estrangeiros* e *Os Vilhalpandos* «pera as fazer,

como fez, representar diante de si por pessoas que despois foram gravissimos ministros... senão pouco despois de Francisco de Sá morto, porque se ellas não perdessem, as fez imprimir ambas em Coimbra na forma que andam; & as tinha e lia muitas vezes.»

Depois emudeceu. O principe D. João manda-lhe pedir as obras, os poetas imitam os rythmos novos em que escrevera. Mas morre-lhe um filho, morre-lhe a mulher, (1555) morre o principe D. João. Vai-se-lhe o gosto de viver e o poeta fina-se na sua casa da Tapada sendo «devado á sepultura na modestissima igreja do logar proximo, Sam Marfinho de Carrazedo, de que era donatario Manuel Machado de Azevedo, na qual já dormia a mulher, sua companheira de 19 anos, que elle chorara com extremos de sentimento».

«O maior vulto litterario do seu tempo, o chefe incontestado da Eschola italiana, o introductor do theatro classico» lhe chama D. Carolina Michaëlis. Elle foi o poeta mais popular e mais lido nos seculos XVII e XVIII e com razão lhe chamaram Horacio, Seneca, Vergilio, Plauto, Terencio e Platão lusitanos.

AS OBRAS DO CELEBRADO LUSITANO, O doutor Fracisco de Sá de Miráda.

Collegidas por Manoel de Lyra.

Dirigidas ao muito illustre Senhor dom Leonymo de Castro, &c.



Impressas com licença do Supremo Conselho da Santa
Geral Inquisição, & Ordinario.
Anno de 1595.

Com privilegio Real por dez annos.

Rosto da ed. de 1595

De antes da publicação das suas Poesias (1595) podem ler-se versos do poeta no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende (1516), e no *Commentario* de Herrera ás poesias de Garcilaso (1580).

O que é indispensavel
conhecer da sua obra

Para se conhecer hoje Sá de Miranda deve preferir-se a edição publicada em 1885 por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, visto que as edições antigas alem de raras e estimadas são incompletas. Não podendo obter-se esta, a dos *Versos portuguezes* publicada por Delfim Guimarães vulgarisa carinhosamente a obra em lingua materna do poeta.

O que elle esceveu

1559 — *Comedia dos Estrangeiros*. Coimbra por Joam de Barreyra. 87 pg. Gothico e redondo; 1561. 2.^a ed. Coimbra por Antonio de Maris. 43 fl. (Traz a mais a carta dedicatória ao Infante D. Henrique.)

«O texto de uma e de outra variam essencialmente, havendo supressões, alterações, abreviações, etc. Parece que a edição de 1561 presidiu a idea de abreviar e expurgar, é quasi se pode dizer uma nova comedia sobre o mesmo thema.» «A edição das obras de S. de M., de 1595, reproduz o texto da edição de 1561.»

1560 — *Comedia dos Vilhalpandos*. Coimbra por Antonio de Maris. 59 pg. Gothico e redondo; 1560 — 2.^a ed. do mesmo anno, local e impressor (agora novamente impressa). 63 pg. «Pouco depois da morte de Sá de Miranda, succedida em 1558, o mesmo Cardeal Infante D. Henrique mandou imprimir as duas comedias, para que se não perdessem; e as tinha depois em grande estimação e as lia muitas vezes.» De ambas as comedias existem ex.^{es} na liv. F. Palha (1218, 1219 do Cat.^o). Da dos *Vilhalpandos* ha um ex. na Bib. Pub. d'Evora. Ha differenças profundas das comedias publicadas soltas para as pub. na edição das obras 1595 e seguintes.

1595 — *As Obras do celebrado Lusitano, o doutor Francisco de Sá de Mirãda*. Collegidas por Manoel de Lyra. (Insero

a *Comedia Os Estrangeiros* e a carta com que o seu autor a remetteu ao Infante D. Henrique). 4-184 pg; 2.^a ed. 1614 — *As obras do Doctor Francisco de Saa de Miranda agora de novo impressas com a Relação de sua calidade & vida*. Lx.^a. Por Vicente Alvarez. xii-160 n. na frente. (A mais estimada e correctã de todas); 3.^a ed. 1632 — Lx.^a. Por Pedro Craesbeek. 21-173 fl; 4.^a ed. 1651 — Lx.^a. id. xii-181 pg. n. na frente + 3 s/n; 5.^a ed. 1677. — Lx.^a. À custa de Antonio Leite, mercador de livros, na rua nova. xvi-346 pg. (a vida e um epitafio em latim. Não traz as comedias); 6.^a ed. correctã, emendada e augm. com as suas comedias. 2 tomos xxxii-292 e 291 pg. (Egual á de 1614 e com as 2 comedias); 7.^a ed. 1804 — Lx.^a. Imp. Regia. 500 pg. 1 err. (E' feita pela ed. de 1595 e não tem a Vida do Autor da ed. de 1614 nem a Com. de Vilhalpandos); 8.^a ed. 1885 — *Poesias*. Edição feita sobre cinco manuscritos ineditos e todas as edições impressas; acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossario e um retrato por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Halle. (Fez-se tambem uma pequena tiragem em pap. especial). 16-CXXXVI-949-3 pag. 1 tab. geneal. 9.^a ed. 1909 — *Versos portugueses*. Lisboa. Edição revista por Delfim Guimarães. (Fez-se uma tiragem especial de 12 exemp. fora do mercado alem da comum.)

199-1 pg. «As edições das Poesias que existem, são: a primeira de 1595 (e não de 1594 como ainda se repete hoje) reproduzida em 1804; a segunda de 1614 (e não de 1616), reimpressa em 1632 e 1651 com alguns accrescentos, e repetida sem estes em 1677 e 1784; a terceira incompleta, pois offerece unicamente as Cartas e Eglogas em redondilha, de 1626» diz D. Carolina M. Vasconcelos.

1622 — *Comedias famosas portuguezas dos Doctores Franciscos de Saa de Mirãda, &*

Antonio Ferreira. Lisboa. Por Antonio Alvares. (Insero as comedias dos *Vilhalpandos*) (5 actos, pg. 1 a 37), e *Os Estrangeiros* (Prologo e 5 actos. pgs. 39 a 68-1) de S. de Mir.^a e *Bristo e Ciosa* de A. Ferreira. iv-154. n. na fr.

1626 — *Satyras de Francisco de Sá de Mirãda*. Porto. Por João Rodrigues. iv-240 pg. ret. grav. (Errada na num. a pg. 240 que diz 140).

1913 — *A Egipciaca Santa Maria*. Poema pela 1.^a vez publicado por Theophilo Braga. Porto. xiii-1-228-2 pg.

A obra de Sá de Miranda no estrangeiro: (veja-se a ed. das *Poesias* por D. C. Michaëlis de Vasconcellos). No **Brazil**: Dr. Fernandes Pinheiro — *Curso elementar de litteratura nacional*, R. Jan.^o 1883, pgs. 31, 43, 55 e 89; Francisco Sotero dos Reis — *Curso de litteratura portugueza e brasileira*, tomo I, pg. 152 e 251. **Inglaterra**: Henry Hallam — *History of Literature of Europe from 1520-1550*. London 1837-39; Aubrey F. G. Bell — *Studies in portuguese literature*, Oxford 1914; Johu Admson — *Lusitania illustrate*. Newcastle, 1842. **França**: Henri Prat — *Etudes littéraires, XVI siècle*. Paris 1855; Ferdinand Denis — *Résumé de l'Hist. de la Litter. Portugaise*. pg. 50 a 59. **Italia**: Achille Pellizzari — *Portugallo e Italia nel seculo XVI*, 1914. **Hespanha**: D. J. J. L. de Sedano — *Parناسo Español*.

As comedias existem na Liv. Fernando Palha. A ed. dos *Estrangeiros* de 1569 citada por D. C. Michaëlis deve ser fábula ou erro de Barbosa de quem todos os outros copiaram. A Livraria do C. Azev. e de Samodães tinha as *Obras* de 1595 que foram arrematadas (1922) por 500\$00 e as de 1641 por 150\$00. As *Comedias* de 1662 foram leiloadas por 500\$00.

As suas comedias, Os Vilhalpandos e Os Estrangeiros

«Estas duas obras, ainda que de insignificante enredo, são modelos de um estylo dialogal, cerrado e conceituoso, sem affectação, com a phraseologia do tempo. Aquelle parece que teve por fim dar uma amostra ao vivo da luxuria e prostituição a que já no tempo do A. estava reduzida a antiga Roma aonde se passa acção;.....»

«A acção dos estrangeiros passa-se em Palermo, e começa a comedia em prologo apresentando-se logo esta em allegoria, contando ao auditorio a sua biographia: diz como nascida em Grecia, passara a Roma, donde era vinda a acolher-se na-

A S
OBRAS
DO DOCTOR

FRANCISCO DE SAA
De Miranda.

Agora de novo impressas com a Relação de sua calidade, & vida.



Com todas as licenças necessárias.

Por Vicente Alvarez. Anno de 1614.

Com Privilegio Real por dez annos.

Domingos Fernandez Liureiro.

Tayzadas a 16 o. reis em papel.

A ed. de 1614

ta de S. de M. ao infante D. Duarte enviando-lhe a comedia *Vilhalpandos*. (Existe tambem na B. d'Evora e está pub. no *Boletim da 2.^a Classe da Ac. Sc. Lisboa*. Vol. IX, pg. 146). E' tambem na Bib. de Lisboa que existe o autographo do poeta publicado por D. Carolina Michaëlis nos *Novos estudos* e descoberto por Delim Guimarães. E' d'esse autographo que publicamos a assignatura, unica, que se conhece.

O poeta e a censura. — Foi censurada a ed. de 1662 não tanto porem como queria a Inquisição que incluiu as suas obras no *Indice dos livros prohibidos* de 1624.

quelle logar de representação, mui clara e corrente para substituir os autos que pediam consoantes que ella dispensava. Explica como será a primeira do entremez, deixa o desempenho aos actores e desaparece. Nos Vilhalpandos tambem o prologo é feito d'allegoria. — Vem a senhora fama vestida de mulher, já se sabe e encaminha os espectadores, fazendo-lhe tambem o prologo para entrarem na comedia. Ambas acabam, annunciando-se aos espectadores que se podem ir com Deus, pois alli já não tem que fazer.» (Panorama. F. A. de V.)

Manuscriptos. — Na B. N. de Lisboa existe copia da car-

COMEDIAS
F A M O S A S
P O R T V G V E S A S.

Dos Doctores Francisco de Saa de Miranda,
& Antonio Ferreira

Dedicadas a Gaspar Seuerim de Faria



EM LISBOA.

Com todas as licenças, & approvações necessárias.

Por Antonio Alvarez Impressor, & mercador de livros.
Efectas a sua custa. Anno 1622.

A ed. das Comedias de 1622

AS MELHORES PAGINAS DE SÁ DE MIRANDA

Cantigas



FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA.

Retrato do «Panorama»

De quem me devo queixar?
De vós, que pudera ser,
Não vos sabe alma culpar;
Fica sómente o sofrer,
Se mais fica, é suspirar...

Os meus suspiros té' agora
Quase eram contentamentos;
Tambem de prazer se chora...
Entraram males de fora,
Não um, não dois, mas seiscentos!
E não lhes bastou entrar,
Mas inda sempre a crescer...
Onde ha isto de ir parar?
Não fica se não soffrer
E o muito do suspirar.

Ora os suspiros que são
Salvo ar espalhado ao vento?
Onde brada o coração
Nossos ouvidos não vão,
Deixam tudo ao entendimento.
Que me eu quizesse queixar,
Quem me poderia crer?
Deixae! Já venha o pesar,
Que pode o pouco empecer,
Que pode o muito durar!

*

Comigo me desavim,
Sou posto em todo perigo;
Não posso viver comigo,
Nem posso fugir de mim.

Com dor da gente fugia
Antes que esta assim crescesse;

Agora já fugiria
De mim se de mim pudesse.
Que mais espero ou que fim
Do vão trabalho que sigo,
Pois que trago a mim comigo
Tamanho imigo de mim?

Soneto

O Sol é grande caem co'a calma as aves,
Do tempo em tal sazão que soe ser fria.
Esta agua, que cae d'alto, acordar-me-ia,
Do sono não, mas de cuidados graves?

O' cousas todas vãs, todas mudaves!
Qual é o coração que em vós confia?
Passando um dia vae, passa outro dia,
Incertos todos, mais que ao vento as naves!

Eu já vi por aqui sombras e flores;
Vi aguas e vi fontes, vi verdura;
As aves vi cantar todas de amores.

Mudo e seco é já tudo! e de mistura
Tambem fazendo-me eu fui d'outras côres...
Se tudo o mais renova, isto é sem cura.

Carta VIII

A seu cunhado Manuel Machado de Azevedo

E', senhor, grande trabalho
Escrever de gerações.
Nem todos são Scipiões...
E podem cheirar ao alho
Ricos homens e infanções.

Se dizeis verdade a todos,
De nenhum estaes seguro,
Que não ha sangue tam puro,
Nem para avós tantos godos
Que um não achem no monturo!

Escrever com louvaminhas,
Não é minha profissão;
Tirar unhas ao leão
Para pô-las nas galinhas,
Outras o façam, que eu não.

No tempo dos reis primeiros
Era a côrte nestes montes.
Vim beber de suas fontes,
Que há lá por baixo atoleiros
Que não teem barcas nem pontes.

Dinheiro, officios, privanças
A nobreza nos desterra;
Judeus e mouros á terra
Nos trazem suas lianças,
Que é nesta paz maior guerra.

Estes querem tingir tudo
Com poder mais soberano;

Quem não veste do seu pano
Convem-lhe fazer-se mudo
Por evitar maior dano.

Os del-Rei Sancho guardae,
Que bom testemunho dão;
Cante a cigarra o Verão,
Mas o Inverno lhe aguardae,
Que vos virão ter á mão.

Então sem contradições
Vossos avós mostrareis,
Que reis deram e foram reis.
Deixae-lhes dourar brasões,
Que vós lh'os desdourareis.

Se nove Torres tiraram
Que guardavam tres Machados,
Com dous mais bem vos pagaram,
Pois Torres Novas entraram
Martim c'os quatro creados.

Se o Primaz os ajudou
Com informações erradas,
Outro Primaz nos deixou
Por suas cartas firmadas
O que Sancho confessou.

Por mais que queiram, senhor,
Nada vos hão de empecer,
Que não leva o jogador
Mais paus por mais se torcer,
Se lança a bola pior!

O amor

.....
Amor é senhor grande, e não se guia
Por interesses vis, dar e tomar,
E seu trato não é de mercancia;

Amor é um bem que corre sem parar,
Que não sabe pôr nódoas de suspeitas
Na fé, nem inquirir, nem duvidar;

Não ergue ao ar figuras contrafeitas,
Como vemos ás tardes nuvens raras,
Em pouco espaço feitas e desfeitas;

Não tem contra-sinaes, nem almenaras;
Não manda escuitas fora; ahí é paz boa,
Correm das fontes claras ágoas claras.

Carta a D. Fernando de Menezes

Cantiga do cego da Ecloga Encantamento

Un tiempo miró-me Helena,
Sospeché que era amor, mas
Juré no miral-la mas;
Nunca cosa hize tan buena.

Amor anda en sus consejas,
Mas bien seria yo loco
Si en sus malas mañas viejas
Mucho fiase ni poco.
Alma de lastimas llena,
A que vienes y a que vas?
Que puedes negar, Helena,
A quien los tus ojos das?

Enemiga suerte triste,
Has me la vida quitado,

Y a quien pienso que la diste
Quiza que nada le has dado!
Harto mal, peor se ordena,
Mas que debato yo mas?
Que tu misma, aun apena,
Pienso que lo negarás.

Y estos oios de mis juras
Si se burlan, a la fé,
No se fien en locuras,
Caten que los quebraré.
Esta culpa sea ajena,
Que otras son mias asaz,
Por razon va que en la pena
Venza lo que pena mas.

O rato aldeão e o rato da cidade

Um rato usado á cidade,
Tomou-o a noite por fora;
(Quem foge á necessidade?)
Lembrou-lhe a velha amizade
D'outro rato que ali mora.

—«Faz um home a conta errada
«Muitas vezes, e acontece
«Crecimento na jornada!»—
Diz, e entrando na pousada
Cidadão logo parece.

O pobre assim salteado
D'um tamanho cortesão,
Em busca d'algum bocado
Vae, e vem, sempre apressado,
Sem tocar c'os pés no chão.

Ordena a sua mesinha,
Pôs-lhe nela algum legume...
Mesura quando ia e vinha...
Deu-lhe tudo quanto tinha;
Pede perdão por costume!

Diz: — «Quem tal advinhara!»
Contra o cortesão severo,
«Que tanto andara e buscara
«Té que alguma cousa achara
«A quem tanto devo e quero!»

Cumpre, porém nesta mesa
Que haja mais fome que gula;
Tem-lhe a fogueirinha acesa,
Faz rosto ledo á despesa...
Vê-a o outro, e dissimula.

E dizendo está consigo:
—«Que gente a dentre penedos!
«Quanto ha de Pedro a Rodrigo!
«Que bem diz o exemplo antigo
«Que não são eguaes os dedos!»—

Ora depois de comer,
Jazendo detrás do lar,
Começa o nobre a dizer:
—«Dous dias que has de viver
«Aqui os queres passar?»

«Na aspereza do deserto,
«Que não sei quem o supporte,
«De urzes e tojos coberto,
«Sendo tudo tam incerto,
«Sendo só tam certa a morte!»

«Vive, amigo, a teu sabor;
«Mais é que cousa perdida
«Quem por si escolhe o pior.
«Vai-te comigo onde eu fôr,
«Lá verás que cousa é vida!»

«E depois que ambas provares,
«(Que eu d'outrem não advinho)
«Quando te enganado achares,
«Aqui tens os teus manjares,
«Hi tambem tens o caminho.»—

Assim disse. Eis o vilão
Em alvoroco e balança.
Ia e vinha o coração,
Ora sim, e ora não...
Venceu, porém, esperanza.

E que pode hi al fazer?
Vive com tanto suor!...
E mal pode inda viver...
Mal pode o ano vencer!
Sempre a saída é melhor.

E diz: — «Quem não se aventura
«Não ganha! Quem ha que o ne-
gue?»—
Escolhem hora segura;

Foram pela noite escura;
Guia o rico, o pobre segue...

Entram por paços dourados,
Cheirosos inda da ceia...
Tristes dos casaes colmados,
Do sol, do vento queimados!
Pobre e faminta da aldeia!

Vou-me por meu conto avante:
Mostra-lhe o cidadão tudo,
Que trás no bucho um Infante...
Quem quereis que não se espan-
te?
Anda o vilãozinho mudo...

Que, tam sómente em provar,
Das cousas que mais lhe afazem
Já começam de engeitar,
Fartos para arrebentar
Em finos tapetes jazem.

Nisto o despenseiro chega
(Que estes bens não duram tan-
to);
Vê-os, mas a presa o cega,
Um tiro ou dous mal emprega,
Corre-os de canto em canto.

Écloga «Basto»

a Nun'Alvares Pereira

GIL

Tu sabes que me obrigara
A esta vida de pastor
Vinha mui corridá á vara,
Cuidei que era ela melhor,
Como quem a não provara.
Determinava-me já
De andar com minhas ovelhas.
A conta saiu-me má.
Más fadas ha cá e lá,
Como bem dizem as velhas!

Andei d'aquem para alem,
Terras vi, e vi lugares,
Tudo seus avessos tem;
O que não exprimentares
Não cuides que o sabes bem.
E ás vezes quando cuidamos
Que alguma cousa entendemos,
A cabra-cega jogamos.
Achei-vos cá fortes amos,
Querem que os adoremos.

Para as cousas que acontecem,
Quando os buscas, ora o sono,
Ora achaques mil te empecem.

Os cães, á volta se ergueram,
Ladram, — que é alto o serão;
As casas estremeçeram,
Todos juntos lá correram:
Foi dita que os gatos não!

Sabia o de casa a manha,
Sabia os passos, fugiu;
Ao ratinho da montanha,
Aos pés, em pressa tamanha,
O coração lhe caiu.

Em fim, passado o perigo
Da morte que ante si vira,
O coitado, só comsigo,
Pelo seu repouso antigo,
Que mal deixara, suspira:

«Minha segura pobreza,
«Se chegarei a ver quando
«A vós torne, e esta riqueza,
«Mal que tanto o mundo preza,
«Fuja, se puder, voando?»

«Ai, baldias esperanças!
«Meu entendimento fraco,
«Deixemos taes abastanças,
«Taes riquezas, taes mostranças!
«Deus me torne ao meu buraco!»

Ao tosquiá achas dono,
Nas pressas não te conhecem.
Tudo lhes o demo deu!
Té razões más que nos dão!
Quanto te hão mister, és seu,
Quando os has mister, és teu,
Que não tens amos então...

Essa vez que saem á rua
Estremece toda a aldeia.
Eles bebem, e homem sua;
Doe-lhes pouco a dor alheia...
Querem que nos doa a sua!
Inda que o dano é em grosso,
Poderão dissimular;
Isto, parceiro, não posso;
O entendimento, que é nosso,
Não no-lo querem deixar.

Pelo qual, c'o meu fardel,
Fugi das vossas aldeias
Não trago nos beiços mel,
Que não sou cresta-colmeias,
Nem posso ser menestrel.
A sandade não se estrece
Mas caiu-me um coração,
Em sorte que muito empece,
Que outro senhor não conhece
Salvo justiça e razão.

Então queixo-me a ti logo,
Que em casos que aconteceram
Vi-me por eles no fogo,
Bradei e não me valeram
Brados, queixumes nem rogo.
Assim me saí, meu quedo
E quedo, e fará um dia
O que outro não fez, e hei medo
De vêr mór vingança cedo
Do que já agora queria.

BIETTO

Trouxeste-me ora á lembrança
Aquele amigo foão
Que, ao tempo d'essa mudança
Tua, foi-te assim á mão,
Como a quem os dados lança.
E lembra-me ora bem tudo,
(Que era eu hi no tal ensejo)
Inda que então me fiz mudo)
Falou-te como sisudo,
Parece-me ora que o vejo.

—«Seja, disse ele, em boa hora,
Que eu também entre este gado,
Fazendo contas cada hora,
Cada hora me acho enganado
D'esta esperança traidora.
E dir-te-ei que me acontece,
Quando neste vale estou,
Qualquer outro que aparece
Muito melhor me parece;
Não é assim quando lá vou.»

Assim disse aquele amigo.
Agora digo eu: que hei medo,
Quando debates contigo,
Que te estê mostrando ao dedo
Gomes, Gonçalo e Rodrigo.
Não queiras ir muito ao fundo,
Inda que ora tanto entendas;
Nesta só razão me fundo:
Não has de emendar o mundo
Por mais razões que dispendas!

Perigosa é a deanteira!
Deixa ir deante os mais velhos!
Com a paixão tençoira
Nunca hajas os teus conselhos,
Sempre foi má conselheira.
Quem consigo traz rancor
E em espreita anda do mal,
Nunca lhe falece dor,
Mas se o bem igual não for,
Seja o coração igual.

GIL

Se c'os teus olhos não vejo,
Nem ouço c'os teus ouvidos,
Todo o debate é sobejo;

Rosto da ed. de 1652.

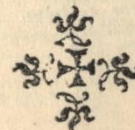
Reges-te por teus sentidos,
Tambem pelos meus me rejeo
Comes túbaras da terra,
Eu não nas posso comer;
Nem um nem outro não erra.
Para que é sobre isto guerra?
Come o que te bem souber!

Não digo que cada um faça
Quanto lhe á vontade vem,
Que essa seria má graça,
Mas entendo o saber bem
Do que se vende na praça
Porque o tempo fez abalo,
E somos em forte ensejo,
Inda levanto outro valo,
Que nos doentes não falo
A quem mata o seu desejo.

Bem vejo que a verdade era
Ir pelo fio da gente;

O BRAS DO DO VTOR FRANCISCO DE SAA DE Miranda.

A DOM FRANCISCO
de Sá de Menezes Conde de
Penaguiam Camareiro
Mór de S. Magestade, &c.



Com todas as licenças necessarias

EM LISBOA

Por Pedro Craesbeeck Impressor
del Rey Anno 1652.
A custo de Paulo Craesbeeck
mercador de livros.

C'os muitos te respondera,
E o amigo e o parente
Que murmurar não tivera
Porém assim, só, não minto
Não finjo, não lisongeio
Se sou farto, ou sou faminto,
Que mau é? O meu instinto
Antes seguir que o alheio.

Vou fugindo ás armadilhas
Que vi com manha esconder;
Não quero ouvir maravilhas
A's vezes mui más de crer
Da má mãe nascem más filhas!
Querem que homem ouça e creia;
Nanja eu! creia o nosso Joane,
Creia o baboso d'aldeia
Que traz sempre a boca cheia
Das filhas de Dom Beltrane.

Mas se a razão conclude:
E's doente, teu pae não!
Digo outro tal da virtude:
Pela ventura és tu são
Porque teu pae tem saude?
Não, que cumpre outra mésinha.
Olhe cada um por si;
O bem não é como tinha,
Não se pega tam asinha...
O mal póde ser que si!

Lé-me primeiro outra lenda.
Deixaram-te os teus passados
Do gado e vinhas de renda.
Olha que andam misturados
Os encargos c'ó a fazenda
Cumpre a cada um que arrive
Por si se deseja a honra;
Não dizer: bons donos tive,
Que quem como eles não vive
Tanto mais sua deshonra.

Vilancetes

*Saudade minha,
Quando vos veria?*

Por terra já assi
Tudo em tal mudança,
Que faz inda aqui
Minha esperança?
A minha lembrança,
A minha porfia,
Quem mais aporfia?

Que faz um desejo
Tam desenganado?
Que faz o sobejo
D'este meu cuidado?
Comigo aferrado
Quando anoitecia,
Quando amanhecia!

Saudades e suspeitas,
A torto e a direito,
Não sereis desfeitas
Quando eu fôr desfeito.
Inda frio o peito,
Inda a lingua fria
Por vós bradaria.

*Coração, onde jouvestes,
Que tam má noite me destes?*

Toda a noite pelejei,
Eu, que já mais não podia.
Busquei-vos, não vos achei...
Sem vós, eu só que faria?
Destes-me dores de dia;
Pelo que assim me fizestes
De noite dores me destes.

O meu mal pude-o sofrer;
Este, porque todo é vosso
Que vos não dóa, não posso.

Vós passae-lo alegremente...
Mal hajam os maus sinaes,
Que então são eles mortaes
Quando homem seu mal não sen-
te.

Nada sentis ao presente...
Quanto vos custa este vosso:
«Assim quero e assim posso»?

Mas se ahi ha peso e medida,
Nem de todo é tudo vento...
Tambem o meu sentimento
Pode ser sinal de vida.
O' esperança comprida,
Que eu sómente, pelo vosso,
Esperar tanto não posso!

*Quem cuidar e quem disser
Que de matar sois servida,
Não sabe que cousa é vida.*

Não é dano o que não dana;
A morte de vossa mão
Não é morte, é nome vão
Que á primeira face engana;
Onde não ha cousa humana,
Tudo esp'rito e tudo vida,
Mal jará a morte escondida.

Fica-se porém julgando,
Entre uma e a outra sorte,
Se daes vida dando o morte,
Que fareis a vida dando?
A fé que vae embicando
Não vê dos olhos tal vida
Sómente porque duvida.

Sextina

Não posso tirar os olhos
D'onde m'os leva a razão.
Quem porá lei á vontade
Confirmada do costume,
Vontade que ás suas leis
Manda obedecer por força?

Isto que al é senão força
Que me fazem os meus olhos,
Quebrantadores das leis?
Brada após mim a razão,
Mas que val'contra o costume
Em que está posta a vontade?

Conselhos vão, á vontade,
Que só pode e só tem força
Ajudada do costume,
Vós não podeis estes olhos
Erguer um pouco á razão
Que faz e desfaz as leis!

Que tirania de leis!
Que dureza de vontade!

Ah! gram mingoa de razão!
Queira, ou não queira, é por for-
ça

Que se me vão estes olhos
Onde m'os leva o costume!

Não valem leis sem costume,
Vale o costume sem leis.
Ai, escravos dos meus olhos,
Governados da vontade,
A quem deste tanta força
Em desprezo da razão!

E' morta, ou dorme, a razão,
Ou não sente, por costume.
Que farei á maior força?
Hajam piedade as leis
De quem, entregue á vontade
Vae preso após os seus olhos!

Olhos — após a vontade,
As leis — após o costume,
Após a força — a razão!

Pensamentos varios

.....
Onde ha homens ha cobiça,
Cá e lá tudo ela empeça,
Se a santa, se a igual justiça,
Não corta ou não desempeça
Quanto a malicia enliça.

.....
Homem d'um só parecer,
D'um só rosto, uma só fé,
D'antes quebrar que torcer,
Ele tudo póde ser,
Mas da côrte homem não é.

.....
N'este tempo quem mal cae
Mal jaz, e dizem que á luz
Por tempo a verdade sae.
Entretanto põem na cruz
O justo, o ladrão se vae.

.....
Sempre foi, sempre ha de ser,
Que onde uma só parte fala
Que a outra haja de gemer.

.....
Nunca se descuide o rei,
Que inda não é feita a lei
Já lhe são feitas cautellas.

.....
Carta I.* a El-Rei D. João III.

.....
Mal sem emenda é o jogo
Entre seus males maiores!
Um rei de grandes louvores
Mandou que pusessem fogo
A' casa e aos jogadores.

.....
Bom tempo, quando segura
A cabeça se encostava
Onde o sono a convidava,
Contente da cobertura
Que lhe o formoso ceu dava!

.....
Bebiam a água co'as mãos
Nas fontes, inda em velhice,
Melhor que por vazos vão.
Lavava ela os peitos são
Antes da gargantoeira.

.....
Carta II.* a Antonio Pereira,
Senhor de Basto.

.....
Dos corações alugados
Poucos são os verdadeiros

.....
Vou c'ó pensamento e venho,
E ao meu medo devo muito.
Por quem livre me sustenho;
Pelo que vi e que escuito,
Nisso que tenho, assás tenho.

.....
Carta V.* a Pero de Carvalho.



Sá de Miranda

Caricatura de um jornal academico coim-brão.

Sonetos

Desarrazoado amor dentro em meu peito
Tem guerra co'a razão. Amor que jaz
Hi já de muito tempo, manda e faz
Tudo o que quer, a torto ou a direito.

Não admite razões, tudo é despeito;
Tudo soberba e força; faz, desfaz,
Sem respeito nenhum; e, quando em paz
Cuidaes que sois, então tudo é desfeito.

D'outra parte a razão tempos espia,
E espia occasiões, de tarde em tarde,
Que ajunta o tempo; em fim vem o seu dia.

Então não tem lugar certo em que aguarde
Amor, e traições trata, que não fia
Nem dos seus. Que farei quando tudo arde?

A morte de Leandro

Entre Sesto i Abido, el mar estrecho
Lidiando con las ondas sin sosiego,
Noche alta el buen Leandro prueba el ruego,
Prueba lagrimas tristes sin provecho.

Viendo que es todo en vano, pone el pecho
De nuevo al mar airado, ojos al fuego
Que en la torre alta luze. Ai Amor ciego
Que tanta de crueldad has visto i hecho!

Nadava mientras pudo házia la plaia
De Sesto, deseado i dulce puerto,
Porque siquiera alli muriendo caia.

En fin, ondas, venceis, (digo cubierto
Ia d'ellas,) mas no hareis que ella no vaia:
Bivo no quereis vos, mas iré muerto.

Epitáfio

Na sepultura de uma dama

De quam pouca terra satisfeita jaz
A quem toda ela não na merecia!
Aquela que, triste ou leda, ou como ia,
Assim punha tudo em guerra ou em paz.
Levou-no-la a morte cruel, que desfaz
As maiores cousas com maior presteza...
Ah Morte! Ah Mundo! a tua riqueza
De quam pouca terra satisfeita jaz.

fr. de Sá de Miranda

NOTA DE ENCOMENDA

Queria enviar a morador em

Rua

da *Collecção Patricia*

os numeros (1) para o que envio \$ escudos.

Assinatura

Numero avulso, com porte e registro: 2\$50. Serie de 10, com porte e registro: 25\$00. Porto á venda: 2\$50/00.

(1) Veja no verso o numero ou numero que deseja receber. Querendo fazer uma assignatura, diga o numero em que a deseja iniciar. Basta cortar esta pagina e enviar-a devidamente preenchida com a importancia indicada á Administracção do *Diário de Noticias*.

BIBLIOTHECA CLASSICA PORTUGUESA

publicada pelo *Diário de Noticias* e dirigida pelo Dr. Manuel de Sousa Pinto
Professor da Faculdade do Letras da U. de Lisboa

Volumes publicados:

Diogo Bernardes . . . *O Lima Eglagas*
Rodrigues Lobo . . . *As Eglagas*

Cada vol. 7\$50 Ed. especial. 25\$00

A SECÇÃO O LIVRO

A Arte e a Curiosidade

que o *Diário de Noticias* publica semanalmente, enviará aos seus leitores todos os livros que lhe solicitarem, em troca do seu custo, acrescido do porte e registro, para o que tem pessoal devidamente habilitado.

Brevemente

A collecção TERRA E ARTE PORTUGUESA

publicação do *Diário de Noticias*

Cada volume com texto, legendas em portuguez, francez e inglez e 48 gravuras

Edição de arte, colaborada pelos nossos mais competentes especialistas
N.º 1-A **Velha Lisboa**

Tip. da Emp. *Diário de Noticias* — Lisboa

Collecção PATRICIA

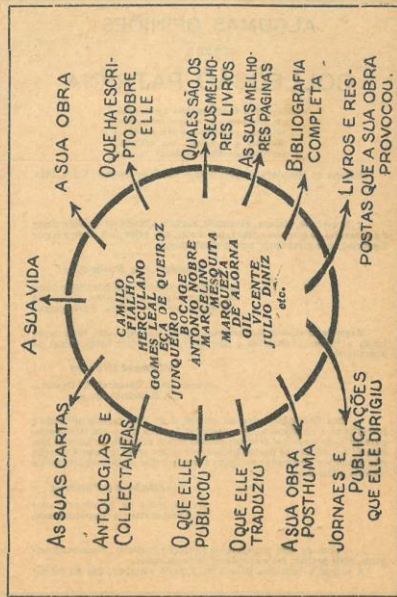
Vulgarisação da nossa terra, dos nossos escriptores e dos nossos monumentos, publicada pelo

Diário de Noticias

Dirigida por Albino Forjaz de Sampaio, da Academia das Sciencias de Lisboa. Desenhos de Saevedra Machado. Capas de Jorge Barradas.

Opusculos, de 16 pg., constituindo monografias completas. Retratos, fac-similes, caricaturas. 2\$50

Por assinatura de 10, recebidos com grande antecedenca 25 escudos



ALGUMAS OPINIÕES

SOBRE A

COLLECÇÃO PATRICIA

valiosa obra de propaganda e vulgarisação dos nossos escriptores, monumentos, artes e costumes, e pelo seu feição sintetico e completo, um trabalho verdadeiramente magistral.

Portaria do Ministerio da Instrucção — *Diário do Governo*, 4 Set. 1920.

... Brevidade, clareza, elegancia, riqueza abundante e solido o que é estrutural, o que nos nomes, nas datas, nas collecções, indica o que é preciso, sem arrebiques nem pedantismos...

Mendes dos Remedios

Academico, escriptor, antigo reitor e leonista da Universidade do Coimbra, autor da *Historia da Literatura Portuguesa*.

Magistral a *Collecção Patricia*! Bemvidinha seja como tudo o que tenta a tornar conhecida e amada as grandes e belas coisas da nossa terra.

Manuel Ribeiro

Autor de *A Cathedral*, *O Deserto*, *A Ressurreicção*, etc.

... essa Collecção, unica no genero, é de uma grande utilidade a escriptores e estudiosos; para aquellos é fonte de vasta informacção para os seus trabalhos criticos; para estes um sumario de noticias que lhes dá a conhecer os nossos homens de maior valor. É uma Collecção que devia ser adoptada nas liceus como auxiliar muito importante de historia e litteratura.

Martinho da Fonseca

Da Academia da Sciencias, autor do *Diccionario de Pseudonymos*, etc.

... obra de alto engenho: sa *Collecção Patricia*. Nada mais original, mais pratico, mais agradável de comprar.

A primeira brochura dá-nos um Camilo sintetico, util ao bibli-

grafo, ao estudioso, ao amante de livros e ao amante de ler. Cartilha de iniciacção e guia de letrados. Perfeito...

Aquillino Ribeiro

Bomancista, escriptor, consorçador da Bibliotheca Nacional, autor da *Terras do Demo*, *Estrada de Santiago*, *Via Sinuosa*, etc.

Cada livrinho da *Collecção Patricia* é um resumo e um indice. Dá-nos em traços rápidos, mas certos, nitidos e eficientes, uma monografia completa. E, pela sua parte bibliografica, circunstanciada, primorosa, dá-nos o meio de, sem perda de tempo, estudarmos o m toda a minucia o assunto versado. A *Collecção Patricia* é, para os eruditos, um auxiliar preciosissimo, e é, para toda a gente, uma comodidade valiosa enciclopedia relampago de Portugal.

Claudio Basto

Molico, professor, director de *A Lusa* e autor de valiosos estudos sobre etnografia, lexicografia e litteratura.

A *Collecção Patricia* é a litteratura portuguesa em comprimidos muito bem apresentados e facis de tomar e digerir. Deve-se tomar no primeiro dia o primeiro numero publicado e ir aumentando a dose até á collecção inteira. Tenho-me dado optimamente com este regime, que tencio seguir enquanto a Constituição da Republica nao permitir. O preparador é o meu illustre confrade da Academia, Albino Forjaz de Sampaio, que para tal fim alcançou do *Diário de Noticias* uma installação, que é a primeira do país.

Cunha e Costa

Academico, advogado, escriptor e conferencista.

OS ESCRITORES: — CAMILO CASTELO BRANCO: *a sua vida e a sua obra*, 1.º numero da *Collecção Patricia*, que começa a publicar o *Diário de Noticias*, de Lisboa, o qual procura assim vulgarizar as obras dos grandes escriptores portuguezes, iniciativa artistica e patriótica. Dirige essa collecção que é composta de opusculos de dezasseis paginas, com muitas gravuras e fac-similes, o sr. Albino Forjaz de Sampaio, o conhecido e scintillante cronista de Lisboa, um dos mais primorosos prosadores, académico, distincto eximianista e homem versado em estudos probos que são consultados com proveito. O volume com que o importante jornal portuguez iniciou a elegante collecção é consagrado a Camilo e é 4.º excellento guia para quem quer ler e ao mar das suas obras. Muitas pessoas perguntam: Que devo eu ler do brilhante escriptor e grande mestre da lingua portug. usa? Se o feccando e emittir romancista tem tantos volumes, como é que devo começar? Que livros comprarei? Pois a todos a collecção responde. O n.º 2, já impresso, será *Filho de Almeida*.

Da secção de *Bibliografia da Revista de Bibliologia* de Portugal, de São Paulo (Brasil), N.º 13 (Janeiro de 1925), ano II.

Se não tem tempo e quer rapidamente conhecer todo um assumpto

a "Collecção Patricia"

Louçada pelo Ministerio da Instrucção Publica

Utilissima aos litteratos, aos estudantes e a todos os que querem sem perder tempo ganhar um lugar invejavel

Publicação unica no seu genero, não só em Portugal, mas em todo o mundo

O MAIS SINTEITICO DOS ESTUDOS O MAIS COMPLETO O MAIS ARTISTICO

A *Collecção Patricia* seguidamente publicará:

- N.º 21 *Sonetos contempor. N.º 29 Henrique Lopes de raneos Mendonça*
- » 22 *Sá de Miranda* » 30 *A Ceramica*
- » 23 *Nicollas Tolentino* *Oliveira Martins*
- » 24 *Garcia de Resende* *Julio Cesar Machado*
- » 25 *Latino Coelho* *Ribeiro da Silva Garrett*
- » 26 *Soror Mariana* *A Torre de Belem*
- » 27 *D. João da Camara* *Mobilitario*
- » 28 *Ramalho Ortúgo*

Iluminaria A Casa Portuguesa etc.

a *Collecção Patricia* publica em cada numero uma monografia completa

Cada estudo de um escriptor, de um monumento, de um assumpto, em 16 paginas, exhaure as noções gerais do mesmo e contém retratos, fac-similes excerptos, etc.

Numeros Publicados:

- Os Escriptores**
- 1—Camillo Castello Branco—5 gravuras e 1 fac-simile. 9 excerptos em prosa e 5 em verso. A sua vida e a sua obra. (Duas edições).
- 2—Filho d'Almeida—6 gravuras e um fac-simile. 7 excerptos das suas melhores paginas. Biografia e bibliografia. (Duas edições).
- 4—Alexandre Herculano—7 gravuras e 1 fac-simile. 5 excerptos em prosa e 3 em verso. Tudo o que elle escreveu e biografia pormenorizada.
- 6—Eça de Queiroz—8 gravuras e 1 fac-simile. Excerptos das suas melhores paginas. Biografia e bibliografia cuidadissimas.
- 17—Camillo e o centenário—A comemoracção. Festas e homenagens. Bibliografia. Palavras de Albino Forjaz de Sampaio na Bibliotheca Nacional. 5 gravuras e 1 fac-simile.
- 18—Julio Diniz—Vida e obra, biografia e excerptos, 5 gravuras, 1 fac-simile e 5 dos seus melhores trechos.
- As Anthologias**
- 3—Os melhores sonetos brasileiros—2 gravuras. Estudo sobre o soneto. 24 sonetos e notas bio-biograficas de 21 poetas.
- 9—Os eternos sonetos de Portugal—4 gravuras. 24 Sonetos e dados biograficos sobre 16 poetas.
- 13—As mais lindas quadras populares—7 gravuras. Estudo sobre as fontes da poesia popular. Bibliografia.
- Os Poetas**
- 5—Gomes Leal—7 gravuras e 1 fac-simile. 10 excerptos, incluindo complet *A Duquesa de Brabante*. Vida e obra.
- 7—Guerre Junqueiro—8 gravuras e fac-simile. 1 excerpto em prosa e 10 em verso. Biografia e bibliografia completas.
- 11—Bocage—4 gravuras e 1 fac-simile. 17 excerptos. A sua vida e o que elle escreveu.
- 14—Antonio Nobre—5 gravuras e 1 fac-simile. 7 excerptos. Obra e biografia.
- Os Contemporaneos**
- 8—Eugenio de Castro—5 gravuras e 1 fac-simile. 11 excerptos. Biografia, autobiografia inedita e notas.
- 19—Julio Dantas—4 gravuras e 1 fac-simile. Vida, obra, autobiografia inedita e notas sobre a sua figura litteraria ainda não reunidas n'outro trabalho. As suas melhores paginas.
- O Theatro**
- 12—Marcellino Mesquita—5 gravuras e 1 fac-simile. 7 excerptos das suas melhores obras. Vida e bibliografia.
- 16—O' Vicente—6 gravuras e 1 fac-simile. 3 excerptos. Vida, biografia e a Custodia de Belem e a chronologia dos autos.
- Musa Feminina**
- 15—Marquesa de Alorna—4 gravuras e 1 fac-simile. 21 excerptos. Vida, biografia e opinões de coevos.
- Os monumentos**
- 10—A Batalha—6 grav. e 1 planta. Historia e descripção do edificio. Bibliografia.
- O Livro**
- 20—Ex-libris—24 gravuras. Estudo completo sobre as curiosas marcas de posse portuguezas e estrangeiras. Historia e Bibliografia

Numero: 2\$500